

Toureando o engenheiro

Segunda-feira a coordenação da Frente (PT/PDT/PSB/PC do B) que sustenta a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva se reúne em São Paulo em tese para discutir as linhas básicas do programa conjunto de campanha e governo. Na prática, porém, o que se pretende acertar é o passo entre o que pensa o PT e o que diz Leonel Brizola. Mesmo que oficialmente os dois partidos até agora tenham assumido as posições de que Brizola fala em nome pessoal e que vice é vice, não assina nada, o que vale é o presidente, há um indisfarçável constrangimento de parte a parte.

Pelo jeito, o único que está à vontade é o próprio Brizola, cujas posições externadas recentemente a respeito das privatizações da Telebrás e da Vale do Rio Doce e também sobre o destino do Mercosul não imprimem um milímetro de incoerência à sua biografia. É o mesmo de sempre, pensando e dizendo o que sempre pensou e disse.

Mas o problema é que ao PT urge passar ao eleitorado a idéia de que não pretende, se ganhar, governar o país olhando no espelho retrovisor. O PT, depois de muito tempo e muita luta para conseguir firmar uma hegemonia mais ao centro-esquerda, não está querendo botar tudo a perder. O desconforto é que também não pretende afrontar nem hostilizar Brizola. Pelo menos a olho nu não é possível detectar no partido sinais de arrependimento pela aliança cujo custo interno não foi baixo.

O que está feito está feito e, pelo que se percebe até agora, ainda considerado bem-feito.

Existe uma avaliação segundo a qual as declarações de Brizola, do ponto de vista do conteúdo, podem até não ter rendido prejuízos eleitorais de monta. Mas sem dúvida contribuíram, no mínimo, para corroborar a carga negativa de defensor do atraso que o partido carrega. Se justa ou injusta, é outra questão.

Além disso, expõem uma divergência de pensamentos que não ajuda em nada o trabalho que o PT teve para passar à sociedade sua disposição de fazer unidades, ampliar seu espectro de atuação, despir-se do figuro radical e sectário.

Na semana em curso, Lula, Brizola e o presidente do PT, José Dirceu, já andaram se falando e tratando lateralmente do assunto. Mas na segunda-feira, a pretexto de combinar um discurso unificado para a Frente, Lula tentará aproveitar que suas relações com o ex-governador do Rio andam muito boas para pedir a ele que pelo menos faça consultas prévias de modo a não exibir as rachaduras conceituais de posições.

Há quem sonhe com o impossível, que é a possibilidade de Brizola vir a se enquadrar nos parâmetros considerados razoáveis para a conquista de mais setores do eleitorado além daquele de esquerda. Mas, se não der – como, de fato, não dará –, já será considerado ótimo se o ex-governador concordar com a prática de só se falar de público o que for consensual, deixando de lado opiniões pessoais que, de resto, já são mais que conhecidas.

Isso não significa dizer, no entanto, que o PT discorda do questionamento do processo das privatizações. Ao contrário. No caso da Telebrás, por exemplo, o partido quer repetir a campanha de opinião pública que fez no caso da Vale, quando realmente conseguiu criar problemas de imagem ao governo.

Mas, por isso mesmo, argumenta-se que o momento não é de antecipar lances e dizer o que será feito com a Telebrás privatizada, e sim tentar impedir que ela o seja. Pois o fato é que a empresa hoje ainda é estatal.

A grande mudança que as declarações de Brizola provocaram é no timing que o PT tinha estabelecido para divulgar suas propostas econômicas, que era o início do horário eleitoral gratuito. Agora, para não perder o pé nem deixar que haja prejuízos efetivos, os petistas já consideram que será necessário apressar o debate público a respeito do Brasil que, se o eleitorado decidir lhe conceder delegação, pretende construir.